

TEATRO DE FANTOCHES NO MUSEU DO DOCE DA UFPEL

MASKE, LÚCIA MARIA TIMM¹; OLIVEIRA, MARLENE²; GASTAUD, CARLA³.

¹Universidade Federal de Pelotas – luciamtm@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – marlensoliver@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta reflexões acerca da atividade lúdico-educativa de apresentação de Teatro de Fantoches oferecida pelo Laboratório de Educação para o Patrimônio (LEP) às crianças visitantes do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2018.

Esse teatro, no qual os doces contam uma história, foi criado pelas alunas e alunos do Curso de Museologia integrados ao LEP com o propósito de realizar uma nova ação educativa no Museu do Doce.

O objetivo desta ação é auxiliar o museu a cumprir sua função educativa. Neste sentido, salienta-se uma colocação de OLIVEIRA (1988) que diz: “o trabalho de fantoches, além de proporcionar horas de lazer e divertimento às crianças, ajuda no seu desenvolvimento psicossocial, espiritual e intelectual.” Os fantoches podem dar a oportunidade à criança de lidar com os conhecimentos, as experiências, os sentimentos, que aparecem no mundo da criança, que enriquecem a vida em desenvolvimento. Ao brincar, de acordo com Kishimoto (2002), as crianças têm a experiência de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, compreendê-lo e expressar essa compreensão através da linguagem.

Na apresentação do Teatro de Fantoches, a criança desenvolve a imaginação, os significados, nesse processo de diálogo com os personagens que interagem com o visitante. Através dessa ferramenta de ludicidade a criança no Museu pode se expressar, aprender e se desenvolver socialmente com os fantoches, colegas que assistem e com os estagiários de Museologia que estão presentes na sala.

A história – O passeio do doces no Museu do Doce - tem o objetivo de proporcionar um reconhecimento dos doces de Pelotas-RS, feitos pelas doceiras da cidade, a partir de uma tradição doceira representada no Museu do Doce. A peça apresenta alguns doces e seus ingredientes, apresenta algumas características dos doces e conta um pouco sobre como chegaram até hoje com tradições do passado.

Com esta apresentação do Teatro de Fantoches, vimos que o Museu pode usar essa ferramenta lúdica de educação. Para a criança compreender o mundo e desempenhar seu papel na sociedade onde vive, ela precisam usar a sua imaginação, sua criatividade e seu poder de observação. As atividades lúdicas dentro do ambiente museal podem permitir a interação e o entendimento das diversas situações do cotidiano da criança fazendo com que ela seja um sujeito ativo desse local.

2. METODOLOGIA

A atividade proposta foi realizada pelo LEP no Museu do Doce da UFPEL. O público alvo dessa atividade foram crianças de escolas da cidade de Pelotas que visitam o Museu e crianças que visitaram o Museu do Doce da UFPEL com suas

famílias nos dias 18, 19 e 20 de agosto durante o evento intitulado Dia do Patrimônio.

A atividade realizada foi o a apresentação do Teatro de Fantoques, com a história, “O passeio do doces no Museu do Doce”. A peça foi apresentada na sala do educativo do Museu do Doce, por estagiários do LEP, e durou aproximadamente dez minutos.

A primeira etapa foi a criação de um enredo – que envolvesse docinhos, açúcar e modos de fazer – e sua roteirização, para acrescentar uma trama aos elementos anteriores que chamasse atenção do público infantil. Foi decidido que os personagens seriam: um professor - a cana de açúcar - que faria apresentação dos doces, salientando o papel do açúcar na confecção dos Doces de Pelotas¹. Os doces que foram usados como fantoches foram o Bem Casado, o Ninho, o Pastel de Santa Clara, o Brigadeiro, o Quindim, e o Camafeu. O Camafeu protagoniza a dramatização, ele perde a noz que o caracteriza, que se encontrava na cabeça deste fantoche e os outros doces o ajudam a procurar. O Brigadeiro procura no tacho que se encontra em exposição na sala de música e os outros fantoches procuram no porão, na cozinha, na lareira do museu, e quando voltam todos relatam que não encontraram a noz. A exceção é o Quindim que vem muito faceiro, com a noz e a coloca na cabeça do Camafeu. Toda esta procura pela noz, é realizada com diálogo com as crianças que assistem a apresentação.

Pronta a história, realizou-se a confecção dos fantoches: Quindim, Camafeu, Bem-casado, Branquinho, Ninho e o Brigadeiro. A primeira apresentação foi realizada na Semana dos Museus, em Maio de 2018, com êxito, tendo sido recebida pelas crianças com muita alegria.

A avaliação desta primeira apresentação (repetida várias vezes ao longo do evento com a participação de quatro alunos/personagens), concluiu que era preciso que a peça fosse apresentada com o uso de microfones e que as crianças também queriam manusear os fantoches.

Com essa constatação resolveu-se, que além de manusear os fantoches, as crianças também poderiam confeccioná-los. Pelo tempo disponível, deveriam ser de fácil confecção, e decidimos que seriam de papel e para serem usados no dedo, ao invés de serem usados na mão, (para a mão teriam que ser maiores e de mais difícil confecção), portanto, optou-se por fazer dedoches.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o teatro de fantoches – presente na cultura popular - na interseção do teatro com o patrimônio, as crianças se relacionam com as pessoas e com os objetos ao seu redor. Nessa vivência de conversa e interação dos fantoches com seu grupo social, há possibilidade da apropriação da realidade vivida no museu, através do despertar da sensibilidade para apreender com diferentes experiências.

De acordo com Vygotsky (1991) o brincar é um processo da construção da representação simbólica para crianças, é uma grande ferramenta de aprendizagem através do faz-de-conta. A representação do mediador - o teatro de fantoches, neste caso, - tem a potencialidade de reconstruir simbolicamente a elaboração de conceitos que são necessários à vida social da criança e para o processo de atribuição de significados ao mundo como um indivíduo histórico e cultural. Nesse processo de teatro de fantoches também se situa o brincar como um fenômeno sociocultural.

Como nos refere Magnusson e Statin, (1998, apud Pessanha: 2008), o ser humano reage, pensa e sente “(...) desenvolve-se no âmbito de um processo de

interação com o ambiente físico e social que o rodeia”, nesse sentido, o teatro de fantoches pode contribuir como um recurso significativo no desenvolvimento de competências sociais (expressão, comunicação ou socialização), razão para implementação de um espaço de fantoches, dentro do Museu do Doce, com a atuação do LEP, com uma ação educativa.

No Teatro de Fantoches, as crianças reconhecem doces patrimonializados, com a exceção do Brigadeiro cuja inclusão é uma concessão ao gosto infantil, mas é também uma forma de reconhecer que o doce é um patrimônio vivo, que muda ao longo do tempo, objetivo importante para o Museu e para o grupo do Laboratório de Educação para o Patrimônio.

A ação museológica se dá na interação do visitante com a ação educativa, caracterizando-a como um ato de comunicação. Essa forma de mediação, com a apresentação de história com fantoches deve ser desafiadora, para que o público infantil busque a aprendizagem através do diálogo desenvolvido com o Teatro de Fantoches, que se caracteriza pela flexibilidade das falas dos personagens, que são modificadas pela interação com a plateia através do diálogo realizado com as crianças que participam do Teatro, questionando os fantoches e aprendendo sobre o patrimônio imaterial.

Santos nos esclarece que:

O que é mais importante compreender é que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas e de comunicação, mesmo porque, sem essa concepção, não passarão de técnicas que se esgotam em si mesmas e não terão muito a contribuir para os projetos educativos que venham a ser desenvolvidos pelo museu [...]. (SANTOS, 2008)

Como nos coloca Fröbel, apud ALMEIDA (1984) “A educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, auto expressão e participação social às crianças”, em busca disso, os estagiários de Museologia, escolheram realizar uma história com fantoches, para oferecer às crianças uma atividade com a participação efetiva do assistir e do interagir das crianças com os personagens fantoches (os doces) e, depois da peça, a confecção de fantoches pelas crianças.

Os fantoches, como um jogo, são uma brincadeira que agrada as crianças. De acordo com Piaget (1976), as atividades lúdicas aplicadas às crianças, contribuem para o enriquecimento do desenvolvimento intelectual. Através do diálogo e da confecção do fantoche, a criança faz uma tentativa de assimilar a realidade, e com sua assimilação, aplicando as estruturas mentais de que dispõe, a criança constrói um universo próximo, em que convive.

O planejamento da atividade museológica deverá estar atento à afirmação, como diz Fortuna (2000):

Um museu universitário não só pode, como deve ser, sim, lugar de brincar. E mais, pode ser uma fonte difusora da concepção de interação com o patrimônio cultural da humanidade radicada na brincadeira, oferecendo, ao mesmo tempo, a dita base para a atividade criativa e o desenvolvimento do imaginário”. (FORTUNA, 2000)

Isso significa que se deve ter cuidado para que a informação oferecida seja um ponto de partida, de modo que a criança saia do museu com a curiosidade provocada, que seja um desenvolvimento para reflexão. Para isso a proposta de Teatro de Fantoches é um instrumento que o Museu poderá utilizar como um desafio à busca de novos conhecimentos sobre os doces como patrimônio imateriais.

4. CONCLUSÕES

Escola e museu são instituições em que as relações sociais se processam da mesma forma, mas cada uma tem a sua lógica própria,

O museu oferece ao público escolar uma outra forma de interação com o patrimônio através do Teatro de fantoches que, além, do contato lúdico com os bens patrimoniais, promove curiosidade e estimula à socialização e a criatividade, elementos são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

O Teatro de Fantoches realizado pelo LEP, no Museu do Doce, com sua interatividade, é um elemento com um enorme potencial que deve continuar a ser oferecido.

Através da observação realizada nas apresentações do teatro de Fantoches, perceberam-se os vários aspectos envolvidos nesta ação, tais como: a apresentação dos docinhos com seus ingredientes e histórias que misturam diferentes culturas, costumes e tradições e a atividade mental na busca de soluções para a procura da noz perdida do Camafeu. Que implica a organização de uma estratégia (para isso a criança analisa as possibilidades da procura do perdido e organiza a colocação de elementos através do campo visual); o desenvolvimento de comunicação entre o fantoche (professor e docinhos) e as crianças espectadoras, que se comunicam, auxiliando a resolver o problema do fantoche Camafeu.

Com a apresentação do teatro de fantoches a criança se relaciona com o outro (o social) e com o meio (artístico, arquitetônico e patrimonial) elaborando por si, a construção do seu conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P.N. **Dinâmica lúdica. Técnicas e jogos pedagógicos. para 1 e 2 grau.** Projetos. Edições Loyola. São Paulo, 1984. 4ª edição.

FORTUNA, T. R.. **O museu em jogo.** Acesso em 13 agos. 2018.

Online. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/difusaocultural/admin/artigos/arquivos/artigotaniafortuna.pdf>

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, M. C. **O maravilhoso mundo dos fantoches Uma iniciação à deliciosa arte de ensinar brincando.** Editora Betania. Venda Nova. MG, 1988.

PESSANHA, M. **Vulnerabilidade e Resiliência no Desenvolvimento dos Indivíduos: Influência da Qualidade dos Contextos de Socialização no Desenvolvimento das Crianças.** Fundação Calouste Gulbenqian/Fundação Para a Ciência e a Tecnologia. 2008.

PIAGET, J. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Leia mais em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-brincar-no-desenvolvimento-da-crianca/4448/#ixzz5PWmrEm75>. Acessado em 28/08/2018

SANTOS, M. C. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu.** Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

<http://www.deliciasportuguesas.com/site/institucional> Acesso em 28/08/2018.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.